

ARTUR, GAUVAIN E KEU REPRESENTAÇÕES DA REALEZA EM CHRÉTIEN DE TROYES*

Nos romances de Chrétien de Troyes¹, poeta que recria, na França do século XII, personagens e episódios da matéria de Bretanha, a corte do rei Artur constitui o principal ponto de referência social, civilizacional e ético: de acordo com a tradição, é o modelo de todas as cortes, o centro de onde partem os cavaleiros errantes e aonde regressam heróis, depois de vencidas as provas da Aventura, para serem aclamados pelo seu valor e cortesia. Mas se já em *Erec et Enide*, a primeira obra arturiana de Chrétien, a fraqueza do rei e as imperfeições da corte começam a fazer-se sentir, nos seus dois últimos romances, *Le Chevalier de la Charrette* e *Le Conte del Graal*, a perfeição arturiana parece não ser mais do que uma memória, um *topos* que o narrador não abandona mas que entra em flagrante contradição com a intriga e os caracteres das personagens.

Em todas as obras de Chrétien, com excepção do *Cligès*, em que Keu está ausente, Keu e Gauvain são com frequência referidos como os homens mais importantes da corte de Artur, surgindo bem individualizados

* Este estudo resulta da adaptação de uma parte da minha tese de mestrado *Do Mito à Literatura e do Carnaval à Ironia — Os Heróis e a Realeza no Conte del Graal de Chrétien de Troyes* (dissertação policopiada), defendida na Universidade Nova de Lisboa em Maio de 1995.

¹ CHRÉTIEN DE TROYES — *Erec et Enide*, Mario Roques (ed.), Paris, Champion, 1990
Idem — *Cligès*, Alexandre Micha (ed.), Paris, Champion, 1975.

Idem — *Le Chevalier de la Charrette ou le Roman de Lancelot*, Charles Méla (ed./trad.), Paris, Librairie Générale Française, 1992.

Idem — *Le Chevalier au Lion (Yvain)*, Mario Roques (ed.), Paris, Champion, 1982.

Idem — *Le Roman de Perceval ou le Conte du Graal*, William Roach (ed.), Genève/Paris, Droz/Minard, 1959. Por uma questão de economia de espaço, os títulos das obras de Chrétien serão, por vezes, abreviados para *E. et E.*, *Lion*, *Charrette* e *Graal*.

face ao conjunto indefinido dos cavaleiros e das damas da corte. Assim, em *Erec et Enide*:

«Es loiges de la sale hors
estoit mes sire Gauvains lors
et Kex li senechax ansamble;
des barons i ot, ce me sanble,
avoec ax grant masse venuz.»

(v. 1085-9 — sublinhados nossos; cf. v. 1091-108)

No *Chevalier de la Charrette*, o cavaleiro e o senescal são frequentemente citados juntos, em posição de destaque:

«N'an troverent point, s'i s'an torment
La ou li chevalier sejourment,
Gauvains et Kex et tuit li autre (...)»

(v. 5231-3 — sublinhado nosso)

«Et li vaslez l'a saluee
Et le roi qui de li fu pres
Et puis les autres tot après,
Et Queus et mon seignor Gauvain.»

(v. 5248-51 — sublinhado nosso)².

No *Chevalier au Lion*, as duas personagens conservam o seu papel preponderante na hierarquia da corte (cf. v. 53-8, v. 682-90 e v. 632-4) e no *Chevalier de la Charrette*, as deferências devidas a Gauvain e Keu mesmo pela rainha são um sinal evidente do seu grande poder (cf. v. 148-53 e 5199-201). A amizade que Artur dedica a Keu, que sobressai quando ele é ferido (cf. *Graal*, v. 4330-48), só é ultrapassada pela sua dedicação ao sobrinho favorito.

Gauvain é o expoente máximo da cortesia, o melhor cavaleiro da corte³. Quando, depois do casamento de Erec, o rei organiza um torneio, são os feitos de Gauvain que o narrador descreve mais pormenorizadamente, logo depois dos do protagonista (v. 2168-75). No *Cligès*, este der-

² Cf. ainda v. 5215-17 e 5267-69.

³ *Devant toz les boens chevaliers/doi estre Gavains li premiers. (E. et E., v. 1671-2) Artus n'a chevalier qu'an lot / Tant con cestui, c'est bien seü. (Charrette, v. 6298-9) Cf. também E. et E. v. 2230-2, Lion, v. 2402-4 e Graal, v. 4419-20.*

rota, dia após dia, Sagremor (v. 4658-9), Lancelot (v. 4744-5) e Perceval (v. 4793-6) mas não consegue vencer Gauvain: os dois campeões são considerados iguais em valor guerreiro, tal como Gauvain e Yvain no *Chevalier au Lion* (v. 6208-9). O sobrinho de Artur é obviamente o guerreiro solar, respeitador das regras cavaleirescas, conhecedor das subtilezas da cortesia até ao ponto de adivinhar as ânsias do *amor de lonh* que atingem Perceval na cena da contemplação das gotas de sangue sobre a neve, imagem da face branca e vermelha de Blanchefleur. É um guerreiro, mas não faz guerra pelo prazer da violência: isso já é claro no *Roman de Brut*, num discurso célebre em que o cavaleiro louva os benefícios da paz — os divertimentos, a beleza da terra e o amor⁴.

Keu opõe-se em tudo a Gauvain, mostrando-se arrogante, despeitado e violento. Deixa-se levar pelos seus instintos agressivos e se, por imperativo cultural, utiliza a lança quando luta com Perceval no *Conte del Graal*, é com a mão que fere a donzela da rainha e — mais primitivamente ainda — com o pé que derruba o bobo. A oposição sistemática entre os caracteres dos dois homens mais próximos de Artur, presente em quase todas as obras de Chrétien, transforma-se em franca hostilidade (pelo menos da parte de Keu) no episódio das gotas de sangue quando o senescal, ferido por Perceval, dirige um elogio fortemente irónico às capacidades diplomáticas de Gauvain, que poderá facilmente sair vencedor numa batalha de palavras, enquanto ele mesmo foi derrotado porque não se furtou a enfrentar pelas armas o jovem cavaleiro.

É ainda neste episódio que Gauvain informa Perceval de que é *mes-sages le roi* (*Graal*, v. 4439), função que já desempenhava no *Roman de Brut* de Wace junto do imperador romano pois, tendo estado muito tempo em Roma, falava latim⁵: a sua sabedoria e o seu domínio da palavra são manifestos. No *Conte del Graal*, revela também grande sagacidade, adivinhando os pensamentos de Perceval e estabelecendo um diálogo amistoso com ele. Inteligente e sábio⁶, Gauvain assume o papel de conselheiro do rei em *Erec et Enide*, quando lhe sugere que faça transportar as tendas para o caminho por onde passará o herói, para que ele tenha obrigatoria-

⁴ WACE — *Roman de Brut*, v. 1941-6, in *La Geste du Roi Arthur selon le Roman de Brut et l'Historia Regum Britanniae de Geoffroy de Monmouth*, Emmanuèle Baumgartner & Ian Short (ed./trad.), Paris, Union Générale d'Éditions, 1993, p. 128.

⁵ Cf. v. 2829-34, in *La Geste du Roi Arthur*, p. 174.

⁶ *Gauvains estoit de molt grant san* (*E et E*, v. 4088)

Hai! fet il, Gauvain, hai! /vostres granz sans m'a esbahi;/par grant san m'avez retenu. (*E et E*, v. 4125-7).

mente que visitar Artur (v. 4088-4102). É também apreciado conselheiro no *Chevalier de la Charrette*: é por sua instigação que Artur decide ir no encaço da rainha e de Keu (v. 224-44).

Também Keu revela inteligência e habilidade na manipulação das palavras empregando a ironia e o sarcasmo, mas o senescal serve-se das palavras para espalhar a discórdia, Gauvain para favorecer a paz. No entanto, as atitudes de Keu, embora criticadas pelo rei e, indirectamente, pelo narrador, que o acusam de abusar do «vilain gab», são tão importantes ou mais do que as de Gauvain para o desenrolar da acção. No *Chevalier au Lion*, é a acusação de cobardia que Keu dirige a Yvain que o leva a partir à aventura à frente de todos os outros cavaleiros. No *Conte del Graal*, Keu sugere a Perceval que vá buscar directamente ao Cavaleiro Vermelho as armas que ele exigia a Artur, criticando assim a sua impaciência e certo de que o jovem cavaleiro nunca conseguiria obtê-las, mas acaba por levá-lo a lutar com o inimigo do rei e a matá-lo, salvando o reino.

Tanto no *Conte del Graal* como nos outros romances de Chrétien, estas duas personagens formam portanto, com Artur e Guenièvre, o núcleo da corte arturiana: Gauvain é o cavaleiro cortês, o mensageiro do rei, o da «boa palavra»; Keu, por seu lado, é temido pela sua língua afiada, é o cavaleiro da «má palavra». Se tivermos em conta o silêncio de Artur, que não é exclusivo deste romance, mas já surge no *Chevalier de la Charrette* e, de certo modo, no *Yvain*⁷, e excluirmos Guenièvre, teremos uma tríade perfeitamente simétrica — Keu (má palavra) — Artur (silêncio) — Gauvain (boa palavra) — que podemos considerar uma **personagem real compósita**. Exporemos adiante os argumentos que nos levam a afirmar que se trata de uma representação da realeza, mas registre-se desde já que não é por acaso que a palavra tem uma função essencial na construção desta tríade: recorde-se a importância que o domínio da linguagem assume na maturação de Perceval, cuja ascensão à soberania não se poderá fazer sem que ele dirija ao rei Pescador a pergunta ritual sobre o serviço do Graal⁸.

⁷ Recorde-se que quando Keu leva Guenièvre a Méléagant, Artur fica silencioso e passivo, e só decide agir quando Gauvain diz que a corte os deve seguir: *Ahi! biax miés, fet li rois/Molt avez fait que cortois/Et des qu'anpris avez l'afaire/Comandez les chevax traire (...)* (*Charrette*, v. 239-42). No início do *Chevalier au Lion*, o rei vai dormir durante a festa de Pentecostes, atitude criticada pelos cortesãos e que revela que o rei (e o reino) se encontram num momento negativo (cf. v. 42-52).

⁸ A tese, defendida por numerosos críticos, de que a maturação de Perceval consiste essencialmente numa preparação para a ascensão à soberania no reino do Graal, reino de cujo trono ele é o herdeiro, parece-nos a mais acertada (cf. LARANJINHA — *Op. cit.*, p. 37-43).

*
* *
*

Estabelecidas as relações essenciais entre os três elementos constitutivos da personagem real arturiana, cremos que poderá ajudar à explicitação do seu significado a comparação com a tríade gaulesa representada no chamado «baixo-relevo de Reims», de cerca de 50 A.D., que associa ao deus céltico Cernunnos os deuses romanos Apolo e Mercúrio. As semelhanças impressionantes que aproximam as duas tríades justificam que se estabeleça a relação entre uma imagem pertencente ao universo mítico-religioso e uma imagem literária, já que os dois conjuntos de personagens parecem constituir actualizações de um mesmo arquétipo.



Reprodução do baixo-relevo de Reims
(França, c. 50 A.D.)⁹

⁹ *Idem* — *The Masks of God — Oriental Mythology*, New York, Penguin, 1962, p. 307.

No baixo-relevo estão representados, num conjunto hierarquicamente organizado, o deus Cernunnos, sentado no centro e segurando um saco em forma de cornucópia, de onde caem grãos de cereais em fluxo contínuo; Apolo, em pé à sua direita; e Mercúrio, também em pé, à sua esquerda. Por baixo de Cernunnos, alimentando-se dos cereais, estão, frente a frente, um touro e um veado, e por cima do conjunto, encontra-se um grande rato ¹⁰.

Trata-se aqui, como no caso da personagem real arturiana, da representação de uma totalidade através da associação da tríade — os deuses — e da oposição bipolar: Apolo, o deus solar por excelência, é completado por Mercúrio, que apresenta características ctónicas ¹¹; ao cervo, um animal solar, opõe-se o touro lunar, que o complementa. Cernunnos, deus da fecundidade, é antes de mais um deus da alternância ¹², especialmente nesta figuração em que surge por baixo do rato (o animal das fronteiras, segundo Campbell) e perto de Mercúrio, condutor das almas para o Outro Mundo.

Hélder Godinho afirma que «(...) a alternância cíclica aparece na Idade Média muitas vezes figurada na posse alternada da mulher por dois homens, a mulher que é o símbolo da fertilidade natural, aparecendo o momento negativo do ciclo (invernal) ligado a figuras demoníacas infernais (...)» ¹³. Acrescente-se que é frequentemente a rainha, figuração privi-

¹⁰ «In Oriental Mythology, fig. 20, p. 307, is a horned image of this celtic god [Cernunnos], seated cross-legged on a low dais and holding on his left arm a cornucopia-like bag, from which grain pours as from an inexhaustible source. Before him stands a bull and a stag, feeding on the downpouring grain (...), while at either hand stands a classical divinity: Apollo at his right, Hermes-Mercury at his left, the lords respectively of the light world and of the road to the abyss; while above is the emblem of a large rat, which in India is the animal of Ganesha, the god of thresholds (...)»

CAMPBELL, Joseph — *The Masks of God — Creative Mythology*, New York, Penguin, 1968, p. 410-11.

¹¹ «Si Mars est triomphateur de la mort, Mercure, parmi ses multiples attributions, est aussi dieu psychopompe — le conducteur des âmes, *evocator animarum*, comme l'appelle Tertullien.» (BENOIT, F. — *Mars et Mercure — Nouvelles Recherches sur l'Interprétation Gauloise des Divinités Romaines*, Aix-en-Provence, Orphrys, 1959).

¹² «Ce qui est essentiel, pour la compréhension du personnage de Cernunnos et du symbole d'ou est issu son mythe, c'est que la ramure qu'il porte sur la tête est celle d'un animal qui la perd chaque hiver pour la recouvrer plus splendide encore au printemps suivant (...). Ainsi Cernunnos symbolise-t-il à la fois la force fécondante et le cycle des renouvellements.» (BREKILJEN, Yann — *La Mythologie Celtique*, Monaco, Editions du Rocher, 1993, pp. 91-2).

¹³ «O Amor na Idade Média», in *Em Torno da Idade Média*, Hélder Godinho (org.), Lisboa, FCSH da Universidade Nova de Lisboa, 1989, p. 151.

legiada da terra (do reino) e da soberania na mitologia céltica, que, através do adultério (veja-se o caso de Isolda e Guenièvre), possibilita a alternância. Ora, no *Chevalier de la Charrette*, Guenièvre é levada por Méléagant, um guerreiro do Outro Mundo, para longe da corte, mas quem a conduz até Méléagant é Keu, que assume nitidamente a função do Mercúrio da representação iconográfica, a de guia para o Outro Mundo. Gauvain, por seu lado, tem a função contrária, a de trazer Guenièvre de volta para o mundo da luz, o mundo de Apolo. De facto, embora o agente da libertação da rainha seja Lancelot, é o sobrinho de Artur que a traz para a corte. Este estranho desfecho, mal justificado do ponto de vista da intriga pelo aprisionamento de Lancelot na torre de Gorre, encontra o seu pleno sentido se admitirmos que, na tradição oral que estaria na origem desta narrativa, a função de libertador da rainha pertencia a Gauvain e não a Lancelot, como aliás as figuras esculpidas na arquívola de Modena, analisadas por Loomis¹⁴, parecem confirmar. Aliás, note-se que, no *Chevalier de la Charrette*, a simetria e a complementaridade das funções dos quatro cavaleiros intervenientes no rapto e na libertação da rainha são perfeitas: Keu e Gauvain têm, respectivamente, a mesma função que Méléagant e Lancelot, são como que a representação, no seio da corte, dos princípios encarnados pelos dois cavaleiros estrangeiros.

Noutras obras de Chrétien, Gauvain e Keu desempenham igualmente funções inversas no que diz respeito à relação entre os dois mundos. Assim, no *Chevalier au Lion*, Keu contribui possivelmente, com o seu discurso irónico, para que nasça em Yvain o desejo de partir à frente da corte para a fonte maravilhosa, mas é Gauvain que o convence a deixar Laudine — e o Outro Mundo — e a voltar aos torneios da corte de Artur. No *Conte del Graal*, é também Gauvain que introduz Perceval (vindo do Outro Mundo de Blanchefleur e do sonho) Neste Mundo, mas é Keu que envia o herói para a aventura e de novo para o Outro Mundo quando lhe diz que vá conquistar as armas do Cavaleiro Vermelho.

¹⁴ «Hartmann is not alone in representing Gawain as the rescuer of Guinevere. Heinrich von dem Türlin makes him the hero of her abduction by Urien. Even though Crestien has made Gawain's failure a foil for the prowess of Lancelot, it was a deliberate perversion of a strong tradition which represented Gawain as the Queen's deliverer.»

«The only survivor of the purely Breton oral tradition is the sculptured story at Modena, the abduction of Winlogée by Galvagin.» (LOOMIS, Roger Sherman (ed.) — *Celtic Myth and Arthurian Romance*, New York, Haskell House Pub. Ltd., 1967, pp. 9 e 30).

A identificação entre Keu e Mercúrio é corroborada, ao que nos parece, pela descrição do senescal do rei Artur, que segura um «bastonet», sinal do poder que lhe foi conferido pelo rei (*Graal*, v. 2785-2801), já que «la forme la plus ordinaire de l'intronisation royale consistait en la remise d'une baguette blanche en signe de souveraineté. Elle était donnée au roi suprême par son premier vassal, et au roi vassal, par le roi suprême»¹⁵. Note-se que esta varinha faz lembrar, no âmbito dos paralelos que estabelecemos, o caduceu de Mercúrio, (caduceu que, aliás, poderá representar, entre outras coisas, o poder que seu pai, Júpiter, delega nele quando o envia como mensageiro), mesmo porque o chapéu que Keu exhibe — «chapel de bonet», igual ao de Artur — é também um dos atributos do deus do baixo-relevo.

A tradição mítica segundo a qual a força de Gauvain atingiria o auge ao meio-dia é explícita na *Première Continuation de Perceval*¹⁶ e está presente sob forma de vestígio noutros textos arturianos¹⁷: a identificação entre Gauvain e o sol remete, naturalmente, para Apolo. No

¹⁵ CHADWICK, Nora K.; DILLON, Myles — *Les Royaumes Celtiques*, Paris, Fayard, 1974, p. 87

¹⁶ *Ensamble se combatent tant/Que vint a ore de midi./Por voir le vos tesmon et di./ Si tost con l'ore trespasa./A monsignor Gavain doubla/Sa force lués et sa valeur./La lasté pert et la chaleur./Que li midis passa en es;/Assez fu plus frois et plus fres/Qu'il n'ot esté a l'asssembler.*

Première Continuation de Perceval, William Roach (ed.) & Colette-Anne Van Coolput-Storms (trad.), Paris, Librairie Générale Française, 1993, v. 902-11

¹⁷ «Gauvain est, de tous les personnages arthuriens, celui dont le rapport au soleil est le plus directement souligné. (...) Dans la *Première Continuation* du Conte du Graal, c'est à midi que Gauvain déchaîne la force et la vigueur qui vont lui permettre de terrasser ses adversaires. Son énergie est décuplée à midi lorsque le soleil se trouve à son apogée. On doit remarquer en outre que Gauvain est adoué à la Saint-Jean, c'est-à-dire lorsque le soleil est à son apogée dans le cycle annuel.

(...) Dans le *Chevalier aux deux Épées*, Gauvain remporte le jour de la Saint-Jean un éclatant triomphe sur Bran des Illes qui l'avait préalablement couvert de honte (...).

La piste de l'étymologie du nom de Gauvain ne saurait être négligée. Selon R. Nelli, Gauvain viendrait de Gwail Awain (aux longs cheveux d'or), il pourrait ainsi symboliser l'astre du jour en conflit avec la mort. M. Delbouille insiste sur le rapport entre Gauvain et la Galvoie: il serait le prince exilé de cette région, aujourd'hui Galloway. (...) Selon le dictionnaire de R. Morton Nance, en cornique le substantif *gol* signifie «yaw, parish, feast, revel, wake, festival» et *golowan* «Midsummer, Feast of John». Il n'est pas étonnant de voir dans ces conditions se profiler un lien étroit entre Fauvain et le solstice d'été surtout si son nom procède d'une racine celtique.»

WALTER, Philippe — *La Mémoire du Temps — Fêtes et Calendriers de Chrétien de Troyes à La Mort Artu*, Paris/Genève, Champion/Slatkine, 1989, p. 572-3.

Chevalier au Lion, Chrétien demonstra estar consciente dessa característica ancestral do sobrinho de Artur:

«Cil qui des chevaliers fu sire
et qui sor toz fu reclamez
doit bien estre solauz clamez.
Por mon seignor Gauvain le di,
que de lui est tot autresi
chevalerie anluminee,
come solauz la matinee
oeuvre ses rais, et clarté rant
par toz les leus ou il s'espant.» (Lion, v. 2402-10)

O Apolo «céltico»¹⁸, que toma por vezes, na literatura irlandesa, o nome de Diancecht, frequentemente ligado a fontes ou nascentes de saúde, tem as características de um deus-médico¹⁹. Ora, no *Conte del Graal*, Gauvain revela conhecimentos de medicina muito completos:

«Et mesire Gavains savoit
Plus que nus hom de garir plaie.» (v. 6910-11)

Por outro lado, *Maponos*, um epíteto frequentemente aposto ao Apolo céltico, que significa «filho», «jovem», poderia ser facilmente atribuído ao Apolo do baixo-relevo de Reims pois a lira que ele segura e que, como se sabe, é um dos atributos do Apolo clássico, está frequentemente associada a Maponos²⁰. No *mabinogi* de «Kulhwch et Olwen», esta divindade está presente sob a forma «Mabon», mais precisamente como «Mabon

¹⁸ Sobre a complexidade das correspondências entre o panteão greco-romano e os deuses célticos e a utilidade da *interpretatio romana* de César, cf. VRIES, Jan de — *Quelques Réflexions sur la Nature des Dieux Gaulois*, «Ogam», 12, 1960, p. 321-34, e LE ROUX, François — *Notes d'Histoire des Religions*, 8 — *Introduction à une Etude de l'Apollon Gaulois*, «Ogam», 11, 1959, p. 216-18 e *Notes d'Histoire des Religions*, 10 — *Note Méthodologique pour l'Etude de la Religion Celtique*, «Ogam», 12, 1960, p. 335-44.

¹⁹ Recorde-se que o Apolo clássico é pai de Asclépio ou Esculápio, simultaneamente herói e deus da medicina. Sobre Diancecht, cf. LE ROUX, F. — *Notes d'Histoire des Religions*, 9 — *Introduction à l'Etude de l'Apollon Celtique*, «Ogam», 12, 1960, p. 62-5.

²⁰ «Apollo Citharoedus, Apollo the Harper, has been identified closely with Maponos, just as Orpheus has adopted the attributes of Apollo in classical legend.» (MATTHEWS, Caitlín — *Mabon and the Mysteries of Britain — an Exploration of the Mabinogion*, London, Arkana, 1987, p. 150-1).

filho de Modron» (de **Matrona*, mãe). Prisioneiro desde o início dos tempos, Mabon terá que ser libertado pelos homens de Artur, pois só ele poderá caçar o javali *Twrch Trwyth*, uma das proezas que Yspaddaden exige a *Kulhwch* para lhe entregar a filha em casamento²¹. Em *Erec et Enide*, esta personagem surge com o nome «Mabonagrain»²², e encontra-se aprisionado pela sua amiga no episódio da *Joie de la Cour*. Também nas triades célticas, Mabon é mencionado como prisioneiro²³.

Caitlín Matthews, em *Mabon and the Mysteries of Britain*, procede a uma interessante análise comparativa de vários *mabinogion*, nos quais encontra alguns avatares das figuras de Mabon e de sua mãe Modron, que constitui mais uma figuração da Grande Deusa. Não poderemos reproduzir aqui o longo percurso interpretativo de Matthews, para cuja obra remetemos; parece-nos no entanto indispensável citar algumas das suas conclusões:

Arianrhod and Llew [personagens do *mabinogi* «Math, son of Mathonwy»], *like Rhiannon and Pryderi* [personagens do *mabinogi* «Pwill, Prince of Dyfed»], *stand forth as the latest contenders for the titles of Modron and Mabon. Both women are shamed by their child's birth; both children are lost, raised in secret and return to perform great deeds.*²⁴

Ora, Loomis chegara à conclusão de que Gwair, que Gruffydd identificara com Gwri (segundo nome de Pryderi, avatar de Mabon), é o antropónimo galês que está na origem de Gauvain²⁵. Com efeito, *Les Enfances Gauvain*²⁶, poema anónimo do século XIII de que se conhecem apenas

²¹ Cf. *Les Mabinogion du Livre Rouge de Hergest avec les variantes du Livre Blanc de Rhydderch*, Joseph Lot (trad.), Genève, Slatkine Reprints, 1975, vol. I, p. 312 e 322-28.

²² Sobre Mabon na literatura, cf. OUAZZA, Moud — *D'Apollon-Maponos à Mabonagrain: les Avatars d'un Dieu Celtique*, in «Actes du Quatorzième Congrès International Arthurien», Rennes, Presses Universitaires de Rennes, s.d., vol. II, p. 465-71. Sobre o nome «Mabonagrain», cf. LOT, F. — *Celtica — IV — La Force de Gauvain et de Peredur*, «Romania», 24, 1895, 323-4.

²³ «56. Trois prisonniers éminents de l'île de Prydein: Llyr Lledyeith, Mabon ab Modron, Gweir, fils de Gweiryodd.» LE ROUX, F. — *Op. cit.*, p. 69.

²⁴ MATTHEWS, C. — *Op. cit.*, p. 88-89 e p. 135.

²⁵ Cf. LOOMIS, Roger Sherman — *Gawain, Gwri and Cuchulinn*, «PMLA», 43, 1928, p. 384-96.

²⁶ Cf. MEYER, Paul — «*Les Enfances Gauvain*» — *Fragments d'un Poème Perdu*, «Romania», 39, 1910, p. 1-32.

alguns fragmentos, revela que Gauvain, filho de Morcades, irmã de Artur, teria nascido de uma relação ilícita com o jovem Lot, num castelo para onde a princesa se retirara. Abandonado pelos pais e confiado ao cavaleiro Gauvain le Brun, é de novo abandonado, deitado ao mar num pequeno barril. Encontrada por um pescador, a criança é criada por ele, mas ao descobrir as suas nobres origens, o pescador confia-o ao Papa, que completa a sua educação, em Roma. Gauvain revela-se um jovem de grandes qualidades e um excelente cavaleiro. As características da mãe de Gauvain, avatar da Grande Deusa (Morcades, por ser irmã do rei é, do mesmo modo que a sua mulher, Guenièvre, a representante da soberania e, como tal, uma figuração da Grande Deusa), o seu nascimento, que envergonha Morcades, os abandonos sucessivos a que foi votado e o valor guerreiro de que dá provas aproximam a história de Gauvain da do seu «antepassado» Gwri e das restantes figurações de Mabon.

Mas, além deste poema, vários textos fazem referência à infância ou à genealogia de Gauvain²⁷: na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey of Monmouth, por exemplo, assim como no *De Ortu Waluuanii* e no *Brut de Wace*, a irmã de Artur, mãe do cavaleiro, toma o nome de Anna²⁸. No *Perlesvaus*, não é nomeada, mas a história do nascimento e educação de Gauvain é sensivelmente a mesma. Assim, tanto a origem do nome de Gauvain como os diversos textos que narram a sua infância parecem deixar fora de dúvida o parentesco entre o sobrinho de Artur e a figura de Mabon, o jovem prisioneiro que, depois de libertado, se torna um guerreiro sem igual, reforçando a pertinência da aproximação entre o Gauvain do *Conte del Graal* e o deus Apolo do baixo-relevo de Reims.

As semelhanças que aproximam o rei Artur e Cernunnos justificam também que se estabeleça o paralelismo entre a tríade céltica e a tríade arturiana, paralelismo com o qual não se pretende de forma nenhuma descobrir os «vestígios» ou as «origens» da personagem real compósita, mas apenas compreender melhor o seu funcionamento e as relações entre as personagens que a constituem. Já vimos que, segundo a tradição céltica, a alternância da mulher entre dois homens é particularmente significativa no caso da rainha, representante da soberania partilhada alternativamente por

²⁷ Cf. MATTHEWS, John — *Gawain: Knight of the Goddess — Restoring an Archetype*, London, The Aquarian Press, 1990, p. 39-63.

²⁸ Note-se que, segundo Robert Graves, «Anna probably means «queen» or «Goddess-Mother». She appears in Irish mythology as the Danaan goddess Ana or Anan, who had two different characters.» (*The White Goddess*, Faber and Faber, 1948, *apud* MATTHEWS, J. — *Op. cit.*, p. 47).

dois reis. Assim, no *Conte del Graal*, o Cavaleiro Vermelho ameaça destronar o rei Artur vertendo vinho sobre o vestido de Guenièvre e roubando-lhe uma taça, o que equivale a violar a rainha e a apoderar-se do reino (da terra) pois taça, rainha e terra são representações da soberania ²⁹. O isomorfismo destas três imagens é aliás confirmado na passagem do *Chevalier de la Charrette* em que Méléagant faz a Artur uma afronta muito semelhante à do Cavaleiro Vermelho, substituindo, no entanto, o roubo da taça pelo rapto da rainha (simplesmente proposto, à partida). Do mesmo modo que um cavaleiro terá que ir resgatar a taça roubada restituindo a soberania a Artur, também no *Chevalier de la Charrette*, se Artur quiser que os seus súbditos aprisionados no *pays de Gorre* sejam libertados, deverá entregar Guenièvre a Méléagant e enviar-lhe um cavaleiro que o derrote em combate singular para que ele lhe restitua os prisioneiros e a rainha e, com ela, a soberania. Curiosamente, a alternância que está, como vimos, associada tanto a Artur como a Cernunnos manifesta-se através do mesmo motivo num e noutra caso; é que, tal como Artur, Cernunnos é um marido enganado ³⁰.

Numa palavra, tanto a tríade do baixo relevo de Reims como a tríade arturiana associam um rei/deus da alternância e do contacto entre os dois mundos, e dois dioscuros que representam, um o pólo solar, a libertação e o regresso a este mundo, e o outro o pólo ctónico e a condução

²⁹ Cf. MARX, Jean — *Nouvelles Recherches sur la Littérature Arthurienne*, Paris, Klincksieck, 1965, p. 102-3.

³⁰ «Cernunnos (...) devait être l'époux de la Grande Reine, de la Terre-Mère. Cette présomption est confirmée par le chaudron de Gundestrup, où ils figurent l'un et l'autre, et surtout par le monument gallo-romain de Saintes. Sur une des faces de ce monument, le dieu cornu est assis en posture de yoga, entre une femme debout tenant une corne d'abondance et un homme nu s'appuyant sur une massue. Sur l'autre face, la déesse est assise à côté du dieu en posture de yoga. Celui-ci tient un torque à la main, comme on voit souvent Cernunnos le faire, mais il n'a plus de cornes. Curieux, tout de même! C'est lorsque intervient dans l'existence du couple divin un troisième personnage, que Cernunnos porte des cornes. Inutile de chercher ailleurs l'origine de l'ornement attribué par la malice populaire aux maris trompés. (...)

Voici donc que nous possédons sur le mythe de Cernunnos un certain nombre de données fort claires. (...) Il est époux de la déesse de la Fécondité, mais il est un mari trompé. Il porte des cornes... Toutefois, ce sont des cornes de cervidé, qui tombent et repoussent: son aventure est donc une aventure cyclique. Dans une première phase, il règne avec son épouse dans le royaume souterrain du Sid; dans une seconde phase, il est abandonné par la reine mais devient le souverain de la nature régénérée, tandis que son rival a pris la place sur le trône d'en bas. Mais il finit par triompher de ce rival et par reconquérir sa femme et son trône, tandis que la nature s'enfonce dans sa léthargie hivernale. Alors, il perd ses cornes.» BREKILJEN — *Op. cit.*, pp. 95-6.

para a prisão no Outro Mundo. Tanto num caso como no outro, estamos perante conjuntos articulados de três personagens (o cervo e o touro funcionam, respectivamente, como desdobramentos do aspecto solar representado por Apolo e do aspecto ctónico representado por Mercúrio) que figuram a totalidade através da associação de princípios opostos e complementares.

*
* * *

Note-se que não referimos, ao enumerar as características de Gauvain enquanto membro da corte e elemento da tríade representativa da soberania, nenhuma passagem em que o cavaleiro não se encontrasse junto de Artur: quando sai para a aventura, Gauvain perde muitas das suas qualidades. É só quando deixa o seu lugar «à direita do rei» que ele começa a sofrer desaire atrás de desaire e que a sua imagem de cavaleiro exemplar é gravemente atingida³¹. Com efeito, se exceptuarmos o *Conte del Graal* e o *Chevalier de la Charrette*, nos restantes romances de Chrétien de Troyes, Gauvain conserva o estatuto de melhor cavaleiro da Távola Redonda, o que equivale a dizer, do mundo. Nos três primeiros romances de Chrétien, o prestígio de Gauvain não entra em contradição com os seus feitos. Ainda que o narrador penda geralmente para os protagonistas, o valor do sobrinho de Artur nunca é posto em causa. Isso só acontece nos dois romances em que Gauvain sai da corte e tem de enfrentar obstáculos mais inesperados do que as armas de um adversário de torneio. No *Chevalier de la Charrette*, começa por fazer jus à sua fama de cavaleiro sensato ao propor a Artur que sigam a rainha e Keu, mas quando deixa as imediações da corte, revela-se pouco heróico ao escolher o caminho mais fácil para o castelo de Méléagant. O contraste entre o seu sentido prático e a entrega apaixonada de Lancelot não abona a seu favor, e quase o transforma no Sancho Pança do amante de Guenièvre. O sobrinho de Artur é duplamente mal sucedido no *pays de Gorre*, fracassando nas duas empresas a que se propõe, libertar a rainha e Lancelot. No entanto, quando

³¹ Exceptua-se a cena do *Conte del Graal* — que ainda tem lugar na corte — em que Gauvain é ridicularizado por Guigambresil. Note-se, no entanto, que se trata de uma cena de transição, que motiva a partida de Gauvain e anuncia, assim, as diversas situações embaraçosas ou humilhantes que o cavaleiro terá de enfrentar.

regressa à corte, é festejado como um vencedor (embora, muito cortês, decline os elogios que lhe fazem) e louvado de novo como o melhor cavaleiro da corte quando se oferece para lutar com Méléagant:

«Artus n'a chevalier qu'an lot
Tant con cestui, c'est bien seü.» (Charrette, v. 6298-9)

No *Conte del Graal*, a errância do sobrinho de Artur é marcada por momentos de profunda humilhação, como no episódio do torneio de Tintagel, em que um grupo de donzelas o ridiculariza por ele não querer combater chamando-lhe covarde e mercador, ou nas diversas cenas em que a sarcástica *male pucele* se ri das sucessivas derrotas que ele sofre. O contraste entre os elogios que o narrador lhe dirige, na linha da tradição arturiana, e as mais que modestas *performances* de Gauvain é nitidamente irónico e marca negativamente a imagem do cavaleiro.

Com efeito, se Gauvain é ridicularizado nos dois últimos romances de Chrétien, é porque constitui uma peça insubstituível da tríade representativa da realeza na corte arturiana. Note-se que, já em *Erec et Enide* e no *Yvain*, embora o rei surja por vezes em situações de fraqueza (ao proferir a palavra insensata do costume do cervo e ao retirar-se para dormir em plena festa de Pentecostes), Gauvain conserva o seu estatuto de cavaleiro sem defeitos. É bastante clara, ao que nos parece, a impressão de que a soberania arturiana é muito frágil porque depende do difícil equilíbrio entre as três personagens que a constituem. Ao partir à aventura, no *Conte del Graal*, ainda que vá aparentemente corrigir uma situação negativa defendendo a sua honra, Gauvain provoca um desequilíbrio perigoso na soberania arturiana: com a sua ausência, anula-se, por assim dizer, o pólo luminoso, amigável e justo da soberania. Ao destruir-se a totalidade que a tríade arturiana representa, é todo o reino de Artur que fica em perigo.

Já no *Chevalier au Lion*, a falta de Gauvain na corte — o narrador explica que ele fora em busca de Guenièvre, raptada por Méléagant — é insinuada por duas vezes: Lunete, a quem Gauvain prometera protecção, está presa e ele não pode salvá-la (v. 3692-707); a sua sobrinha, cuja beleza encantou o gigante *Harpin de la Montagne*, precisa da sua intervenção, mas ele não está disponível (v. 3906-33). Nos dois casos, Yvain resolverá a situação, num gesto que, de certo modo, será repetido no *Conte del Graal*, com a intervenção de Perceval que restitui a Artur a taça que o Cavaleiro Vermelho lhe roubara, uma vez que, também aqui, mais nin-

guém intervém ³², estando, mais uma vez, Gauvain ausente. Tudo se passa como se a sua ausência implicasse a ausência de todos os cavaleiros.

Tanto na *Parte Gauvain* como na *Parte Perceval do Conte del Graal*, as atitudes do sobrinho de Artur são geralmente as de um cavaleiro cortês. A ridicularização de que é objecto, aliás, advém frequentemente da inadequação da sua extrema cortesia às situações desconcertantes em que se vê envolvido e às quais não consegue fazer frente. Exemplos disso são a sua humildade perante os desejos e sarcasmos da *Orgueilleuse de Nogres*, ou o mal sucedido encontro com Gréoréas. No entanto, por vezes, paradoxalmente, o comportamento de Gauvain parece ser o inverso de um comportamento cortês. Assim, quando avista pela primeira vez a *male pucele*, Gauvain lança-se a galope ao seu encontro. Interpelado pela donzela, confessa que se preparava para a raptar, contrariando dois princípios primordiais do código cortês, o respeito pela mulher e o refreamento dos instintos sexuais. Curiosamente, alguns versos adiante, tomamos conhecimento de que Gauvain havia imposto um castigo humilhante a Gréoréas por ele ter violado uma donzela. Quando o reconhece, o sobrinho de Artur dirige-lhe o discurso moralista que transcrevemos abaixo:

«Neporquant bien savoies tu
 Qu'en la terre le roi Artu
 Sont puceles asseürees;
 Li rois lor a triues donees,
 Si les garde, si les conduit.» (v. 7121-5)

A semelhança das atitudes de Gauvain e Gréoréas põe em causa, naturalmente, a sinceridade do discurso que o primeiro dirige ao cavaleiro violador mas, sobretudo, marca a diferença de comportamento de Gauvain **dentro e fora da corte**.

Noutra ocasião, ainda no *pays de Galvoie*, Gauvain perde de novo as estribelas e agride com uma bofetada o escudeiro ruivo que o desafiara. O paralelismo com a situação em que Keu agredira a donzela e o bobo é flagrante: também aqui o escudeiro agredido profetiza a desgraça do agressor e, ainda mais, prevê que Gauvain será ferido no braço, tal como Keu (v. 7036-40).

³² Num episódio posterior, vem a saber-se que Gauvain não se encontrava na corte nesse momento (*Graal*, v. 4088-4132).

Se, a estas duas situações em que Gauvain assume um comportamento exemplarmente anticortês, se juntar a ridicularização de que o cavaleiro é vítima e a dúvida que se instala sobre o seu valor guerreiro, a semelhança entre Gauvain e Keu torna-se evidente. Verificámos atrás que a saída de Gauvain da corte não é benéfica para o reino de Artur porque, com a sua partida, se instala o desequilíbrio na corte. Efectivamente, como acabámos de ver, com a ausência do cavaleiro opera-se uma alteração muito perigosa, pois o pólo amigável e solar da realeza não só desaparece, como também adquire substanciais características do pólo oposto, rompendo-se, definitivamente, o equilíbrio.

A insuficiência de Gauvain é especialmente grave no *Conte del Graal* porque a última obra de Chrétien é a única em que o protagonista não faz parte da Távola Redonda, nem pertence sequer ao reino de Artur³³. Assim, se em *Erec et Enide*, no *Chevalier au Lion* e no *Chevalier de la Charrette* a imagem da corte arturiana foi mais ou menos profundamente atingida, o surgimento de um novo herói satisfaz a necessidade, ao nível do Imaginário, de um salvador **vindo de fora** (visto que se trata sempre de personagens que assumem pela primeira vez o estatuto de herói, deixando de ser simples figurantes da matéria de Bretanha) sem introduzir um elemento ameaçador, originário de um reino inimigo³⁴. Esse novo herói restabelece a harmonia da corte sem que se duvide do valor dos cavaleiros da Távola Redonda, porque faz parte dessa Companhia. No *Conte del Graal*, Perceval, ao matar o Cavaleiro Vermelho, repete as acções de Erec, Yvain e Lancelot, mas vem pôr totalmente em causa que os cavaleiros da Távola Redonda sejam os melhores do mundo, porque não pertence à corte arturiana. Ao voltar costas ao reino de Artur, diferenciando-se de todos os cavaleiros arturianos quando escolhe partir em busca do Graal e do rei Pescador, deixará a corte entregue a si própria, sem Gauvain — prisioneiro no *Château de Merveille* — e sem cavaleiro que o possa substituir.

³³ Cligès não pertence ao reino de Artur mas é sobrinho de Gauvain; Erec e Lancelot são filhos de reis vassallos de Artur e pertencem à Távola Redonda.

³⁴ No *Chevalier de la Charrette*, Méléagant é ameaçador e vem do Outro Mundo, mas a sua acção nociva é equilibrada por Lancelot. Sobre a oposição entre o reino de Artur e o reino do Graal e os indícios de que Perceval tomará o partido do segundo, cf. LARANJINHA — *Op. cit.*, p. 73-75.

*
* *

A organização triádica da corte arturiana consiste idealmente na representação da realeza como um todo, representação a que não será alheia a significação universal do número três como expressão da completude e da totalidade. Com efeito, a corte de Artur era já um espaço tradicionalmente perfeito quando Chrétien tomou a pena para a recriar. Pelo contrário, o que distinguia o reino do Graal — e o tornava particularmente sedutor para o poeta — era a ausência de uma imagem pré-estabelecida, que ele poderia tratar mais livremente na sua elaboração romanesca. Significativamente, no *Château de Merveille*, o castelo das rainhas mortas onde Gauvain acaba por ficar aprisionado, e que condensa os elementos negativos do reino de Artur e o aspecto assustador do reino do Graal, Ygerne, Morcades e Clarissant constituem uma tríade totalizadora e completamente equilibrada e autosuficiente. Como as fadas da matéria de Bretanha e da Literatura tradicional, são figurações da Grande Deusa nos seus três aspectos de velha, mulher madura e virgem e, do ponto de vista simbólico, parecem tão interdependentes como se constituíssem as várias faces de uma mesma personagem. O seu carácter aprisionador e a sua habilidade muito feminina na sedução completam uma imagem profundamente negativa.

À tríade do reino de Artur, totalidade que simboliza a estagnação, e à trindade engolidora do castelo maravilhoso, Chrétien opõe o mundo vago e incompleto do Graal; à monótona perfeição de Gauvain, cuja fragilidade se revela logo que o cavaleiro deixa o espaço fechado da corte, opõe Perceval, um jovem cavaleiro em evolução, que afirma o seu valor na floresta, espaço de crescimento e de Aventura; ao reino de Artur, que representa o passado da tradição livresca, Chrétien prefere sem dúvida o futuro incerto mas prometedor do Graal, cujo brilho, apesar de ofuscante, não deixará de maravilhar e sobretudo de, estimulando a imaginação, suscitar novas criações.

Ana Sofia Laranjinha